

7 ABR 1990

Radiografia do Brasil

MAURO CHAVES



A margem de suas qualidades e defeitos, independentemente de seus mentores e à revelia de seus detratores, o Plano Collor está realizando uma esplêndida demonstração: jamais em

nossa História houve a oportunidade de se visualizar com tamanha nitidez as diferenças fundamentais que existem entre os que trabalham e os que parasitam; entre os que se buscam nutrir, sobreviver, resistir, numa perseverança comovente, tirando leite de pedra, mas sempre engajados no esforço de produção, e os que apenas se grudam, como carrapatos, em suas privilegiadas sinecuras, ou então fazem suas crias se nutrir do trabalho alheio, como os chupins ou vira-bostas.

Se a pesquisa da Fiesp (publicada pelo Estado anteontem) indica sinais de recuperação na indústria paulista, é porque os pequenos e médios empresários fabris deste Estado, esses que há muito tempo chamamos de obstinados e heróicos trapezistas do buraco, estão fazendo das tripas coração para não despedirem seus empregados e continuarem produzindo — enfrentando as quedas e/ou cancelamentos de pedidos, a falta crônica de cruzeiros, os altos juros para financiamento de suas folhas de pagamento e tudo mais, mas cumprindo, aos trancos e barrancos, seus compromissos. Enquanto isso, vêm à tona os abusos e desperdícios mais acachapantes praticados pelos que integram os legislativos e outras instituições públicas nacionais, como os inutilíssimos tribunais de contas.

De um lado, temos exemplos admiráveis de criatividade, de esforço extenuante na busca de novas fórmulas de sobrevivência produtiva e de solidariedade entre empregadores e empregados, pois nunca antes tais partes tiveram consciência tão nítida de que há uma luta ombro a ombro pelo menos tão importante quanto a frente a frente. É o caso, de operários de fábricas (como uma de walk-machines) que saem às ruas para vender diretamente seus produtos; de trabalhadores que concedem empréstimos à empresa, com um percentual de seus salários, para fazê-la atravessar

a crise sem demissões (como os de uma siderúrgica de Piracicaba); assim como é o caso de empresas do mesmo setor que trocam matérias-primas (as fábricas de móveis), esquecendo a dura concorrência, enquanto durar a turbulência.

De outro, temos deputados (os baianos) que, depois de quatro horas de sessão secreta, mantêm a vergonhosa decisão de reajustar seus ganhos em 84%, no momento em que os salários de seus eleitores estão congelados; temos vencimentos de parlamentares estaduais em torno de 700 mil cruzeiros mensais, as aposentadorias precoces, com menos de seis anos de mandato, afora as mordomias de toda a espécie, nos níveis federal, estadual e municipal, que passam por um simulacro de contenção restrita a cafezinhos, assinaturas de jornais e revistas, alguns carros da frota oficial etc., deixando como estão, infocáveis, as franquias postais e telefônicas, as passagens aéreas, a polpuda remuneração, o número de funcionários disponíveis nos gabinetes — inclusive os fantasmas — e outras locupletações assemelhadas.

O anticorpo do trabalho deve combater o micróbio parasitário

Eis aí uma formidável radiografia do Brasil, que aponta para uma parte saudável, forte, pulsante, irrigada de seiva vital, mas que também detecta uma outra, esclerosada, doente, infectada pelo vírus mais resistentes que circula pelos habitats subdesenvolvidos, que é o do patrimonialismo, o do trato da coisa pública como objeto de mera fruição. Esta radiografia é um instantâneo agudo dos valores e vícios de nossa sociedade. Serve para diagnosticar a permanência, em nosso meio, do micróbio parasitário e do anticorpo do trabalho, que lhe deve dar combate: e aqui residem todas as possibilidades de terapia do corpo social brasileiro. A parte mais saudável e produtiva do País só conseguirá sobreviver se conseguir, num enorme esforço de pressão da opinião pública, afastar do poder os que a vampirizam, sugando avidamente parcela mais do que substancial de seu esforço de trabalho — transformada em contribuição fiscal. Enfim, só sobreviverá se afugentar os dráculas que guardam o banco de sangue.

Mauro Chaves é editorialista do Estado e comentarista político da Rádio Eldorado.